



volume 3 • número 2 • p 80-94

Histórias do Cerrado: um encontro entre a educação ambiental e a cultura popular

Este artigo apresenta reflexões advindas de uma pesquisa sobre as múltiplas possibilidades “do fazer” educação ambiental, tendo como ponto de partida um estudo em etnobotânica que buscou conhecer e valorizar o conhecimento sobre plantas em distritos rurais da cidade de Uberlândia (Minas Gerais/Brasil). Buscou-se envolver crianças, jovens e adultos da comunidade dos distritos de Cruzeiro dos Peixotos e Tapuirama nas diversas linguagens das mídias. As abordagens metodológicas se diferenciaram no percurso investigativo procurando adequar-se à realidade. O elo e princípio norteador das aproximações realizadas junto aos sujeitos da pesquisa foram a utilização de diversas mídias visuais, fotografia e vídeos. A pesquisa foi estruturada em oficinas configuradas como rodas de conversa. Na primeira oficina os participantes registraram, utilizando uma máquina fotográfica, o meio ambiente. As fotografias revelaram uma representação de meio ambiente vinculada ao ambiente natural. Paisagens naturais foram priorizadas no registro das imagens. Na última oficina foi produzido coletivamente o documentário “Causos do Cerrado”. O estudo fez interagir o local (tradição do conhecimento popular sobre as plantas) e o global (recursos tecnológicos empregados na produção midiática).

Palavras-chave

educação ambiental
mídia e educação
conhecimento popular sobre plantas

Lúcia FE Guido^{1*}

Inez R Dias²

Gustavo L Ferreira³

Aline B Miranda⁴

¹Instituto de Biologia. Faculdade de Educação - Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, Brasil.

²Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, Minas Gerais, Brasil. Bolsista CAPES.

³Graduado em Ciências Biológicas - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, Minas Gerais, Brasil. Bolsista PIBIC/ CNPq.

⁴Graduanda em Ciências Biológicas - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, Minas Gerais, Brasil. Bolsista PIBIC/ CNPq.

* luciag@umarama.ufu.br

INTRODUÇÃO

A pesquisa apresentada neste artigo considera a riqueza do aprendizado prático e sua vinculação ao conhecimento popular, a cultura popular e como esta, ao se tornar memória coletiva, cria as tradições culturais. Trata especificamente do conhecimento popular sobre plantas do Cerrado brasileiro e o modo como este conhecimento pode ser trabalhado em propostas de educação ambiental que interferem dinamicamente no mundo da práxis, incorporando novas vivências e transformando-as constantemente.

O Cerrado, segundo maior bioma brasileiro possui uma enorme importância no que diz respeito a sua expressiva biodiversidade. É considerado também o segundo maior volume de diversidade do planeta, superado apenas pela Amazônia. São mais de 12 mil espécies de vegetais, 837 de aves e 161 de mamíferos que estão presentes neste ecossistema (Embrapa Cerrados, 2011).

A pesquisa fundamenta-se em reflexões sobre educação ambiental motivada pelo desenvolvimento de um levantamento etnobotânico realizado em distritos rurais do município de Uberlândia¹, localizado no Estado de Minas Gerais – Brasil. Nesta investigação, problematizar questões relativas à educação ambiental com a comunidade permitiu verificar a possibilidade do intercâmbio entre o conhecimento construído pela educação ambiental na escola e fora dela, especialmente na comunidade onde circula o conhecimento popular.

No levantamento etnobotânico realizado por Oliveira (2008) foram inventariadas 128 espécies de plantas, sendo que muitas destas eram utilizadas pelos entrevistados e 111 são nativas do bioma Cerrado. Esta predominância de plantas nativas permitiu concluir que os moradores conheciam e utilizavam mais essas espécies do que as introduzidas nesse bioma, e que o conhecimento da diversidade local estava muito presente no cotidiano dessas pessoas. Estes resultados junto a outros motivaram a proposta de educação ambiental para estas localidades. Ainda a respeito das pesquisas em Etnobotânica constatou-se que o conhecimento popular sobre as plantas nativas e exóticas vêm se perdendo, já que os mais jovens não apresentam interesse em aprender sobre estes saberes que fazem parte da cultura local, havendo então, uma desvalorização do conhecimento popular. Os estudos sugerem também que a perda significativa desse saber popular está sob influências da modernização e da aculturação.

Dessa forma, esta pesquisa está alicerçada em uma educação ambiental que valoriza o conhecimento popular sobre as plantas do Cerrado, que escuta e registra as falas das pessoas mais velhas – metodologia empregada na etnobotânica-, mas que considera também a possibilidade de uma “hibridação cultural” (Canclini, 2003), que valoriza o conhecimento popular sobre as plantas, mas respeita a vontade das pessoas no pertencimento no mundo atual que demanda outras vontades, outras maneiras de viver. (Guimarães, 2007 p. 183).

Um encontro entre mídia e educação ambiental

A escola moderna comprometida com o conhecimento especializado sobrepõe este ao conhecimento tradicional, passado de geração a geração, no cotidiano das famílias provocando uma tensão entre a família e a escola. Desta forma, criou-se uma contradição entre o conhecimento popular e o científico: de um lado a família procurando trazer os seus filhos para a identidade local, de cuidar da terra, dos quintais, de conhecer

¹ Pesquisa intitulada “Levantamento dos usos de plantas do bioma Cerrado no município de Uberlândia, MG”, foi financiada pela Fundação de amparo a pesquisa de Minas Gerais, FAPEMIG. Processo nº CRA 1451/06.

as plantas; do outro, a escola que também necessita do aluno para justificar a sua função de modeladora das individualidades para a implantação da identidade nacional, isto é, moderna, universalizante. O conhecimento local transmitido de geração a geração passa a ser desacreditado, sendo substituído pela cultura universal ensinada na escola. A escola atual, por sua vez, está sujeita aos processos de “hibridação cultural” (Canclini, 2003), não só em relação ao conteúdo que ensina ou que deve ensinar, mas também pela influência das diferentes culturas trazidas pelos jovens.

Considerando-se a importância do conhecimento popular sobre plantas, pode-se pensar na existência de uma crise de identidade no mundo moderno, o que contribui para a construção de uma nova identidade etnocultural, apoiada na tradição e, ao mesmo tempo, configurada por uma maior exposição à escolaridade e à modernidade. Trindade (2004, p. 37) em sua pesquisa realizada com pescadores de uma comunidade pesqueira em Nazaré, Portugal, comenta: “Se é verdade que a escola, enquanto instrumento de construção da nação, se forjou contra os saberes locais, os nazarenos, mesmo os mais escolarizados, gostam de afirmar a sua identidade local nos contextos mais eruditos”. Estas considerações sobre a pesquisa de Trindade mostram uma valorização da tradição, como forma de agregar outros valores. A comunidade pesqueira de Nazaré não se considera como uma cultura de dominados frente à cultura hegemônica; ao contrário, faz questão de impor suas culturas, suas tradições, causando movimentos, misturas, hibridações.

Referindo-se ainda à influência das culturas trazidas pelos jovens, o autor Martín-Barbero (2007) afirma que a televisão e outros artefatos tecnológicos estão presentes na experiência cultural destes sujeitos; essas interferências sejam de imagens fragmentadas, de descontinuidades apresentadas nos telejornais, nos eventos esportivos, nos grandes concertos ou nos filmes, interfere na maneira de o sujeito ver e se posicionar no mundo, estando diante de “novos modos de estar juntos” e de novos dispositivos de percepção.

No cenário contemporâneo da sociedade globalizada, os alunos da escola atual encontram facilidade nos tratados dos saberes requeridos para lidar com os novos desafios tecnológicos. Mas demonstram desinteresse no aprendizado do conhecimento transmitido pela tradição oral mesmo quando ensinado fora da escola. Esta situação demanda a discussão de outras formas e de outros locais para promover a conservação do conhecimento sobre as plantas do Cerrado, assim como de outros conhecimentos vinculados à tradição cultural. Lembramos que tal situação requer uma nova educação ambiental, que valorize as diferenças, o intercâmbio entre as culturas, seja a escolar – do conhecimento científico, seja a popular. Para isso, é necessário pensar na atuação não só da instituição escolar, mas também de outras, como as Associações de Moradores, o que demanda o envolvimento de lideranças comunitárias no trabalho de educação ambiental.

O conhecimento popular sobre as plantas foi inventariado a partir de entrevistas realizadas junto à população de quatro distritos pertencentes à cidade de Uberlândia, a saber: Martinésia, Cruzeiro dos Peixotos, Tapuirama e Miraporanga (Figura 1). Estes locais mantêm uma estrutura social baseada no trabalho rural, nas atividades de cuidados com a casa e seus quintais. O distrito de Tapuirama, um dos locais de realização deste estudo está localizado a 40 quilômetros da sede do município de Uberlândia, tem uma população de pouco mais de dois mil habitantes, entre moradores antigos, de famílias tradicionais, e pessoas vindas de outros estados brasileiros em busca de trabalho. O distrito de Cruzeiro dos Peixotos, outro local onde a pesquisa foi realizada, localizado a cerca de 20 quilômetros de Uberlândia, é composto

por uma comunidade com pouco mais de mil habitantes, que preserva a calma e as histórias de um povo que se reunia para rezar o terço sob o cruzeiro construído pela família Peixoto, daí a origem de seu nome.

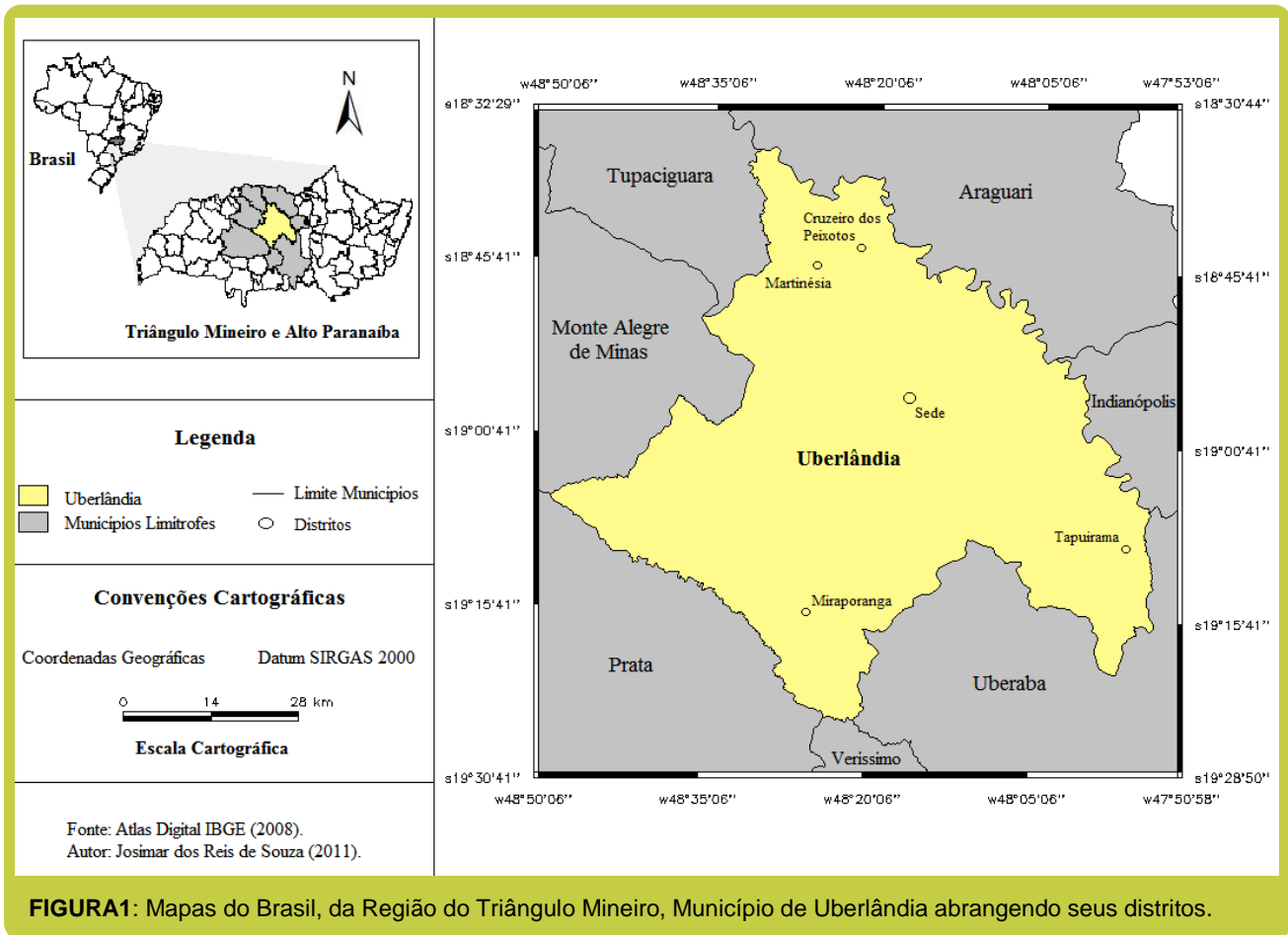


FIGURA1: Mapas do Brasil, da Região do Triângulo Mineiro, Município de Uberlândia abrangendo seus distritos.

Os dois distritos apresentam uma boa infraestrutura na área de serviços básicos essenciais e os seus habitantes recebem influências culturais principalmente do distrito sede, Uberlândia (Corsi, 2006). Essa aproximação estabelece laços de dependência no plano social, econômico e político, trazendo outras culturas, dentre elas a capitalista-consumista, que além de enfraquecer a cultura típica própria de pequenos povoados – “não consumistas”, impulsiona a degradação dos recursos naturais.

Os resultados da pesquisa em etnobotânica evidenciaram que o conhecimento popular sobre as plantas está se perdendo, pois os moradores mais jovens dos distritos não têm interesse em aprender este conhecimento que faz parte do seu próprio cotidiano e que é passado de geração a geração. Esses resultados comprovam a importância da organização da comunidade em parceria com as escolas para o desenvolvimento da educação ambiental, para valorizar o conhecimento popular, a sua cultura, e ampliar o conhecimento das espécies nativas. A valorização do conhecimento popular, por outro lado, não pode isolar as pessoas destas comunidades do contato com o mundo atual, globalizado e imerso na cultura midiática, pois não seria justo que fiquem presas a uma tradição, já que a sociedade lhes imputa novos desafios, novas maneiras de viver. Pelo contato já estabelecido com estas comunidades percebeu-se que o desinteresse dos mais jovens em adquirir estes conhecimentos está justamente na inserção destes em um mundo globalizado, que não comunga com o modo de vida dos mais velhos, suas rotinas de trabalho no

campo, suas culturas. É necessário, utilizando uma expressão de Canclini (2003), “hibridar” as culturas juvenis com a dos mais velhos e não substituir uma pela outra.

Nesse aspeto, inserir a mídia como uma ferramenta na educação ambiental, direcionada para promover o conhecimento popular, é de importância fundamental não só para despertar o interesse dos mais jovens para esse tipo de conhecimento, como também por mostrar que as comunidades que detém o conhecimento popular não podem ser responsabilizadas pela conservação da natureza, postura rotineiramente atribuída às comunidades tradicionais por viverem em um contato mais íntimo com o ambiente “natural”.

Os distritos Cruzeiro dos Peixotos e Tapuirama foram escolhidos para participar desta investigação pelo interesse demonstrado especialmente por duas professoras das escolas locais em contatos prévios. Ao freqüentarem as atividades do projeto “*O potencial de uma proposta coletiva para o ensino de Biologia, na transformação da prática docente dos professores de Ciências do Ensino Fundamental*”, estas se interessaram pela pesquisa etnobotânica em parceria com a educação ambiental, possibilitando o diálogo entre a escola, a comunidade e a presente pesquisa. Assim, esta investigação teve por objetivo verificar a viabilidade do desenvolvimento de atividades de educação ambiental, tendo por base os resultados obtidos no levantamento etnobotânico nos distritos rurais de Uberlândia, articulando o conhecimento popular sobre a flora nativa e a valorização das culturas locais promovida através da mídia. Dentre outros objetivos buscou-se orientar professores, alunos e moradores dos distritos, no trabalho de educação ambiental a partir do material audiovisual (fotografias e documentário) produzido por estas comunidades.

METODOLOGIA

Nos distritos rurais de Tapuirama e Cruzeiro dos Peixotos, o início da pesquisa foi marcado pela organização de três oficinas sobre produção de material audiovisual, oferecidas aos alunos, professores, lideranças comunitárias e conhecedores de plantas pelo grupo de pesquisadores da universidade. No primeiro encontro os alunos das escolas realizaram uma “Saída Fotográfica” pelos distritos com o objetivo de verificar as concepções de meio ambiente dos participantes, utilizando a fotografia como dispositivo para o registro destas representações. Esta oficina foi inspirada em uma pesquisa realizada por Favero (2009) que utilizou no início de sua pesquisa uma saída fotográfica com a temática “Meio Ambiente” com estudantes de cursinhos Pré-Vestibulares na região central da cidade de Florianópolis, estado de Santa Catarina. Na segunda oficina, os alunos das escolas orientados pelos pesquisadores realizaram entrevistas com os moradores mais antigos identificados como “conhecedores de plantas”, sendo que alguns deles também são considerados como “lideranças comunitárias” destes locais. A terceira oficina procurou aproximar a mídia da cultura popular, além de permitir um momento de encontro entre diferentes gerações – alunos e conhecedores de plantas. Neste momento da pesquisa elaborou-se a construção do documentário “Causos do Cerrado”, toda a equipe participou de uma oficina intitulada “Produção audiovisual como resgate popular sobre plantas” ministrada por um profissional da área de cinema. A produção do documentário foi coletiva, uma vez que desde a elaboração do roteiro, a escolha do local das filmagens e de quem seriam os depoimentos foi decidida durante esta oficina.

Como forma de envolver os jovens na investigação foi estabelecido uma parceria com a escola local. A direção das duas escolas mostrou-se interessada pela proposta, compreendendo a problemática que suscitou a investigação. Participaram da pesquisa os estudantes do oitavo e nono ano do Ensino Fundamental, atingindo uma faixa etária entre 14-16 anos. No centro das ações viabilizou-se o diálogo, a troca de conhecimentos e experiência entre lideranças comunitárias, conhecedores de plantas, crianças e jovens engajados com o projeto. As lideranças e conhecedores de plantas são pessoas que vivem na comunidade, que estão sensíveis aos problemas cotidianos e que residem há muito tempo no local.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Primeira oficina: saída fotográfica

A proposta desta “Saída Fotográfica” era verificar as concepções de Meio Ambiente dos alunos participantes do projeto de pesquisa, utilizando a fotografia como dispositivo de registro destas representações. Esta primeira atividade foi organizada em três momentos. O primeiro correspondeu ao registro fotográfico de imagens pelas ruas dos distritos. No segundo momento, houve a discussão das imagens produzidas. E por fim, num terceiro momento, os alunos elaboraram um texto escrito narrando à experiência vivida.

Participaram 16 estudantes das escolas locais. A “Saída Fotográfica” durou uma hora e teve como ponto de encontro o mesmo local de partida, a escola. Com a caminhada foram oportunizados momentos de convivência entre os alunos e investigadores. Durante esta atividade, foram tiradas aproximadamente 360 fotografias, bem focadas e de boa qualidade. O resultado obtido foi surpreendente tendo em vista que os participantes não receberam nenhuma explicação quanto ao uso das câmeras. Os alunos mostraram-se “íntimos” deste dispositivo, dominando suas funções básicas, como: o efeito de *zoom*, o uso da função macro para a focagem de objetos próximos, entre outras funções.

No encontro ocorrido, uma semana após a saída fotográfica, os estudantes puderam produzir as legendas e as molduras de duas fotografias escolhidas por cada um. Sendo uma das fotografias escolhidas dentre as imagens produzidas por si mesmo e a outra, uma imagem produzida por um dos colegas. Para isto, dispunham de papel cartão de diversas cores, folhas brancas, canetas coloridas, tesoura e cola. Procurou-se motivá-los a olharem atentamente as imagens a fim de buscarem transmitir em palavras, frases, os sentimentos que emergiram ao verem tais registros. Evitou-se ao máximo interferir nesse processo de criação, fornecendo-lhes a autonomia necessária para a produção escrita, mesmo que esta trouxesse algumas dificuldades para os alunos.

De um intenso debruçar-se sobre as fotografias, os participantes citaram em suas legendas uma mensagem demonstrativa de seus processos do pensar sobre o meio ambiente, das inquietações construídas ao longo dos encontros, e de uma vivência compartilhada. A reflexão lançada sobre as fotografias se deu no confronto com as suas legendas.

Ao comentar a fotografia produzida por outra pessoa, outros sentidos foram enunciados, atribuindo-lhe novos significados pelo modo subjetivo de perceber uma dada paisagem, o que contribuiu para ampliar os olhares e sentidos que uma imagem possibilita quando vista pelo olhar do outro.

Os estudantes registraram principalmente paisagens naturais, como: árvores, flores, insetos. Preocuparam-se em não se autorretrataram ou se deixarem fotografar, e não mostraram as construções antigas, as ruas,

os carros, a igreja, a escola, o posto de saúde, as pessoas e tantos outros elementos que constituem e caracterizam os distritos, e que fazem parte do meio ambiente. O meio ambiente representado nas fotografias, e frisado nas legendas, mostrou-se associado a um discurso naturalista, ao belo e indefeso, característica de uma visão romântica. Apresentaram, em seu trabalho, conceituações que indicaram a necessidade da conservação da natureza.

As imagens representaram o meio ambiente pelas flores com suas nuances de cores, gramados do campo de futebol, outras o caracterizaram por meio dos animais: borboletas, insetos em interação com plantas. Estas representações de alguma maneira refletiram a forma como os participantes pensam sobre o meio ambiente, colocando-o enquanto uma entidade que se cria e se recria, estando esta separada da vida e cultura humanas, cabendo ao humano apenas contemplar, observar, apreciar tais belezas (Figura 2).



Conforme afirma Gonçalves (2001) a concepção de naturalização do meio ambiente é acionada quando da realização de atividades em educação ambiental, resultando em um reforço dessa separação entre ser humano e natureza, natureza e cultura. Assim, a natureza foi distanciada e, inclusive, excluída das vidas cotidianas (tornada muitas vezes, apenas, objeto de prazeres ou das necessidades de uso) e, ainda nesse processo, a cidade, o bairro, os distritos, a casa e a escola foram sendo também, excluídos do conceito de meio ambiente (Guimarães, 2007).

Nas discussões das fotografias produzidas, buscou-se encontrar traços do humano e do não-humano, como: as casas, ruas, carros, igrejas etc. A partir dessa problematização pretendeu-se desmistificar a concepção confusa na qual meio ambiente e natureza são tomados como sinônimos. Entretanto, ao propor a discussão das imagens e suas respectivas legendas, não se pretendia fixar um único entendimento ou ainda

apontar o que estava certo ou errado, pois de alguma maneira, todos os pontos de vista e os diferentes olhares lançados sobre as fotografias conduziu à reflexão quanto às questões ambientais. Reigota (2007) em estudos realizados sobre as representações de meio ambiente, observa que não há um consenso sobre tais representações, percebendo um predomínio da área biológica nestas representações. O autor comenta também como as representações vão interferir no modo como compreendemos o mundo e, portanto, em como concebemos a educação ambiental.

Nesse sentido, nas discussões provocadas na roda de conversa entre alunos e pesquisadores, o entendimento do meio ambiente distanciou-se da vertente naturalista. Um sentido mais amplo, explorando outras dimensões como a social, a histórica e a cultura foi incorporada na visão dos alunos. De forma geral, todos os participantes, em seus depoimentos, declararam que anteriormente à realização desta saída fotográfica, limitavam o conceito de meio ambiente às plantas, e às belezas naturais. Porém após a participação e execução da atividade, perceberam que ele abrange todo espaço, incluindo o humano e o não-humano, bem como a cultura e a história. Esses resultados corroboram com a pesquisa desenvolvida por Favero (2009, p. 26), embora sua investigação tenha sido realizada com estudantes de um curso Pré-Vestibular e no centro de uma capital brasileira, ao propor um registro fotográfico com a intenção de refletir sobre as representações de meio ambiente destes alunos, a maioria deles procurou um local naturalizado – o Parque da Luz – para fotografar o meio ambiente. Estes estudantes registraram 250 imagens, sendo que a maioria delas apresentava “a natureza como bela, que precisa ser preservada e cuidada pelos humanos”.

Assim como relata Favero (2009) na sua investigação, as imagens capturadas pelas lentes das câmeras dos estudantes dos distritos de Tapuirama e de Cruzeiro dos Peixotos promoveram de alguma maneira um deslocamento no modo de ver e de enunciar o meio ambiente, possibilitando aos participantes lançarem olhares mais atentos, críticos e reflexivos sobre o lugar onde vivem; além de permitir um reencontro com as paisagens e as diferentes formas que criam a identidade destes distritos.

Segunda oficina: Conhecendo os conhecedores de plantas

Precedendo a esta etapa, foi realizado o levantamento do perfil sócio-econômico-cultural das comunidades. Momento este em que se pôde identificar os conhecedores de plantas e as lideranças comunitárias locais. Os alunos puderam conhecê-los por meio de uma entrevista direcionada a estes moradores. Alguns estudantes mostraram já ter um contato estabelecido com os entrevistados, outros possuíam relações de parentesco com os mesmos, tais como de tios e avós.

A entrevista teve o objetivo de aproximar e convidar à parceria os moradores identificados. Buscou-se entender suas relações com as plantas, como e com quem aprenderam sobre o assunto, procurar saber se transmitem esse conhecimento e se utilizam a mídia para adquirir novos conhecimentos sobre a flora nativa. Todas estas questões foram previamente pensadas e propostas coletivamente pelos alunos e os pesquisadores.

Munidos de uma câmera filmadora digital os estudantes registraram os encontros, puderam expressar suas ideias, fazer questionamentos, buscando conhecer melhor os entrevistados. Em todas as visitas o grupo foi recebido com muita hospitalidade, atenção e carinho.

As pessoas entrevistadas não se intimidaram diante das câmeras, pelo contrário, estavam desinibidas, espontâneas, acima de tudo honradas por poderem contribuir com a pesquisa. Isto demonstra a importância

deste estudo na valorização, não só de seus saberes e experiências, mas das próprias pessoas. Assim, entende-se que a participação no estudo propiciou o resgate de saberes, pouco ou não valorizados e, em algumas situações, “esquecidos” pelos próprios conhecedores de plantas (Patzlaff e Peixoto, 2009).

Entre os conhecedores e lideranças, incluindo aqueles que nasceram em outros estados brasileiros como: São Paulo e Rio Grande do Sul o conhecimento da diversidade local está muito presente em seu cotidiano. As muitas histórias compartilhadas por elas giraram em torno do cultivo e dos diversos modos de uso da flora nativa. O uso medicinal foi o mais citado pelos entrevistados; diversas espécies tais como alecrim (*Achyrocline satureoides* (Lam.) DC), manjeriço (*Ocimum americanum* L.), poejo (*Mentha pulegium* L.), alevante (*Mentha* sp), hortelã (*Mentha x piperita* L.) e guaco (*Mikania glomerata* Spreng), foram encontradas como plantas cultivadas nos quintais e compuseram o cenário dos encontros.

De acordo com relatos apresentados pelos participantes da pesquisa, a fé foi colocada como um ingrediente essencial nas muitas receitas com o uso das plantas cultivadas em seus quintais. Somente pela fé de quem prepara uma receita para alguém é que o remédio caseiro pode funcionar, relata uma conhecedora:

[...] é preciso o poder da oração na cura de uma doença [...] eu benzo, porque mais vale a fé do que o pau da barca, ai manda a fé (Dona N.).

O aprendizado sobre a flora foi uma das questões levantadas aos entrevistados, que declararam ter adquirido tal tradição no relacionamento com seus parentes próximos, como mães e avós. Parecem ser as mulheres as grandes responsáveis pela transmissão desses saberes aos mais jovens. São elas que mais estabelecem e utilizam desse conhecimento prático em seu cotidiano, quer zelando pela saúde de seus entes queridos, amigos e conhecidos ou nos cuidados com a casa e em seus quintais repletos de plantas.

A relação atual dos mais jovens com o conhecimento sobre as plantas tem sido perdida ao longo dos anos devido ao advento das inovações tecnológicas, que trazem outra maneira de se obter conhecimento. Esse fato remonta à fala das pessoas mais velhas entrevistadas quando disseram que aprendiam através da oralidade.

Antigamente nós não tinha televisão, nós comprô um rádio eu já era moça grande, a gente não tinha essas coisas. Então a gente era só conversa, agora hoje tem muitos que gosta de computador, é bom [...] Eles podem aprender pelo computador (fazendo referência ao aprendizado sobre os usos das plantas), são jovens, inteligência boa (Dona D.).

A relação dos conhecedores com a mídia foi um aspecto suscitado nos encontros; em muitas falas pôde-se perceber a influência dos meios de comunicação no aprendizado sobre as plantas, principalmente a televisão. Afirmaram que buscam analisar o que é falado em tal meio, não desacreditando dos especialistas quando relatam novas descobertas de usos para as plantas. Uma conhecedora fez referência ao rádio contribuindo para ampliar seu aprendizado sobre o assunto, outros citaram programas televisivos.

Eu não conhecia a moringa, ai um dia eu escutando a rádio eu ouvi que tavam falando dela e que eles iam dar pra quem queria, assim sortear né, um pé pra quem ligasse lá. Ai eu liguei e na hora eu ganhei, ai plantei ali (mostrando a plantação em seu quintal) e já tá um mar de grande. [...] eu deixo o rádio ligado o dia inteiro, mesmo quando não tô dentro de casa. Esse eu gosto [...] (Dona D.).

Eu assisto o Globo Repórter, eu gosto de assistir, aprendo essas coisas (remetendo aos usos das plantas) na televisão. Tudo que fala sobre as plantas na televisão eu busco analisar primeiro. Jamais eu desacredito do médico, mas eu vou assuntar o que ele vai passar, ai eu vou e faço o teste. (Dona N.).

A conservação das plantas foi uma preocupação relatada quando afirmaram ter o cuidado em se utilizar somente pequenos ramos das ervas no preparo de chás e infusões. Quando fazem uso da casca e

entrecasca do barbatimão (*Stryphnodendron obovatum* Benth.) e da aroeira (*Myracrodruon urundeuva* Allem), por exemplo, retiram apenas poucas quantidades, evitando sempre a destruição dessas espécies nativas. Uma motivação para isto foi muito bem apresentada por uma moradora quando afirmou que isso é necessário porque demonstra o respeito às coisas da natureza, a manutenção de um bem que pode durar por gerações.

Muitos entrevistados demonstraram conhecer algumas espécies que já se encontram escassas no Cerrado, citando a exemplo, o jatobá (*Hymenaea martiana* Hayne), o angico (*Albizia polycephala*), a aroeira (*Myracrodruon urundeuva* Allem), a gabioba (*Campomanesia xanthocarpa*), o cajuzinho-do-Cerrado (*Anacardium humile* A. St. Hil.) entre tantas outras. Isso remonta à destruição que este bioma vem sofrendo ao longo dos anos devido a algumas atividades do ser humano, como a expansão da agropecuária, a instalação de usinas hidrelétricas, a expansão das cidades, etc.

Quando indagados se transmitem o que sabem sobre as plantas aos mais jovens, os moradores mostraram-se pessimistas e conformados com o evidente desinteresse das crianças e dos jovens que vivem nas comunidades. Afirmaram que pela falta de tempo, ou por estarem em contato com o computador e a televisão, os estudantes não veem motivação no conhecimento popular. Essa falta de estímulo pode fazer com que não tenham a experiência do uso da flora local, além do desconhecimento de uma cultura que confere aos distritos sua identidade.

As pessoas não tem interesse em aprender, já querem o remédio pronto [...] agora as pessoas tem que aprender a fazer, eu ensino, explico. As pessoas não tem tempo pra aprender, acha mais fácil pedir alguém pra fazer (Dona N.).

Ao entrevistar os conhecedores e lideranças, buscou-se nesta experiência um ponto de encontro da vida e diálogo entre gerações, superando as possíveis barreiras que acabam por isolar os jovens da cultura dos mais velhos, impedindo-os de se relacionarem. Realinhar os estudantes ao conhecimento popular torna-se uma motivação a mais para o envolvimento com a pesquisa, levou-se à melhor compreensão dos objetos culturais tão presentes em suas vidas cotidianas. Pôde-se nesta etapa, efetivar a participação dos moradores na pesquisa, valorizando não só seus saberes, mas também a contribuição efetiva de cada um para a consolidação deste estudo. O incentivo e a colaboração de toda a comunidade dos distritos trouxeram questões importantes para a próxima etapa do estudo.

Terceira oficina: documentário “Causos do Cerrado”

Neste momento o grupo ampliou-se, contando com a participação dos alunos (entre 12 e 15 anos de idade), dos Conhecedores de Plantas dos dois distritos (em sua maioria na faixa etária dos 60 anos de idade). Muitos dos Conhecedores de Plantas, participantes desta oficina são considerados Lideranças Comunitárias, é o caso da Dona D. que na época da realização da oficina era presidente do Conselho dos Moradores de um dos distritos.

O documentário vai além de uma produção artística que revela efeitos visuais e sonoros, mas busca criar uma educação ambiental que propicia outras narrativas acerca das questões ambientais partindo do contexto e realidade em que a comunidade está imersa. Uma produção que funciona como um dispositivo capaz de produzir narrativas impregnadas de valores, de ideias, de concepções, de percepções, de representações. Oportunizando a experimentação de outras sensações, criando através da comunicação

visual a possibilidade de projeção de emoções e sentimentos que não poderiam ser comunicados de nenhuma outra forma, como sinaliza Sardelich (2006).

A preparação da equipe para a produção do material audiovisual foi realizada mediante uma oficina ministrada por um profissional convidado, atuante na área de cinema da Universidade Federal de São Carlos².

O encontro realizou-se na Universidade Federal de Uberlândia tendo a duração de cinco dias. Nos dois primeiros, os participantes puderam conhecer o processo de criação de uma obra audiovisual; sua linguagem, elaboração do roteiro, captação de imagens e sons, edição etc. Nesta etapa foram coletadas entre os sujeitos de pesquisa, as ideias e indicações para a produção do documentário, o que iria ser filmado, que pessoas seriam entrevistadas, enfim realizou-se o planejamento das filmagens. No terceiro dia, foi realizada a filmagem nos distritos e nos dois últimos dias, ocorreu a edição dessas imagens e sons captados.

No documentário não existe uma história escrita com personagens. O roteiro foi construído coletivamente, concebido numa perspectiva dialógica em que os objetivos foram traçados a partir da realidade das pessoas envolvidas. Buscou-se comungar nesta última oficina denominada “*Produção audiovisual como resgate do conhecimento popular sobre plantas*” as muitas opiniões dos jovens, crianças, lideranças comunitárias e conhecedores de plantas. Além disso, tentou-se também reunir as diferentes visões, ideais, as particularidades da cultura local e a forma com que os envolvidos se relacionam e percebem o mundo atual.

Nesta etapa preparatória, mais do que aprender a técnica do processo de criação de uma obra audiovisual, buscou-se compreender a multiplicidade de possibilidades de apropriação e apoderamento crítico deste meio, buscando utilizá-lo na positivação e reafirmação da cultura local.

Assim, pretendeu-se, através dessa produção coletiva fazer a aproximação do conhecimento popular sobre as plantas com uma nova forma de transmissão de conhecimento, ou seja, da tradição oral com a mídia, em um processo de “hibridação cultural”, expressão utilizada por Canclini (2003).

As filmagens das entrevistas se deram nas casas dos conhecedores sentados em seus quintais cercados de plantas e embalados pelo canto dos pássaros. Os estudantes foram os executores na captação das imagens, tendo a câmera nas mãos, escolhendo os melhores ângulos, puderam também ouvir através de um fone de ouvido os sons captados pelo microfone estrategicamente posicionado. E nos bastidores uma platéia formada por alunos, pesquisadores, pessoas da comunidade, professoras da escola local.

As muitas histórias narradas, lembradas, foram expressas pelos “conhecedores de plantas”, alguns deles também considerados lideranças comunitárias. A variedade de informações e histórias fez menção aos diferentes usos de ervas, cascas, folhas, flores e raízes do Cerrado, a exemplo o uso medicinal. Nas narrativas do documentário é possível perceber que os conhecedores de plantas e lideranças comunitárias construíram e ainda constroem suas histórias utilizando a linguagem oral e através dela expressam seu

² Djalma Ribeiro Júnior é Mestre em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e bacharel em Imagem e Som pela mesma universidade, possui experiência na área de Comunicação, Educação e Cultura, atuando principalmente nos seguintes temas: educação popular, comunicação popular, mídia-educação, gestão cultural e produção audiovisual.

conhecimento do mundo. Isto pode ser conferido no trecho do documentário em que uma das conhecedoras, diz como e com quem aprendeu sobre as plantas.

Minha *vó* ela saía *pra* arrancar raiz, sabe. Não existia essas raízes *pra* vender, ai minha *vó* ia porque ela fazia aqueles remédios com as raízes, então ela saía *pro* Cerrado *pra* arrancar, inclusive na fazenda do meu pai tinha muito dessas raízes. Eu saía com a minha *vó*, ai ela falava assim: “isso é bom *pra* isso, esse é bom *pra* isso, esse chama assim, chama aquilo outro”, ela dava os nomes dos remédios, então a gente aprendeu com a minha *vó*, porque eu não largava ela *pra* nada, onde ela *tava* eu *tava* junto [...] (Trecho da entrevista realizada com conhecedora de planta Dona N.).

O depoimento apresentado acima corrobora com Almeida (1994), ao afirmar que a oralidade, evidenciada nesse documentário, liga-se à produção de imagens e sons por muitos fios, mas principalmente pelo seu realismo, como os depoimentos do documentário centrados na oralidade. Já os alunos, que participaram da pesquisa, trouxeram contribuições tomadas por um posicionamento crítico, amplo, estabelecendo outras formas de lidar com o conhecimento. Inevitavelmente ao longo do processo histórico, adultos e jovens se posicionam perante as tecnologias a partir de campos de visão totalmente distintos (Souza e Gamba Jr., 2002). Porém é fundamental ressaltar que tanto os alunos quanto os conhecedores de plantas aprendem de alguma forma com a mídia, sobretudo com a televisão.

O documentário revelou histórias que vão além do conhecimento popular sobre plantas, fez aparecer outra maneira de enunciar a cultura em torno do assunto, mostrando pessoas que falam do passado com saudosismo, mas que vêem no presente o seu valor. Tais entrevistados foram capazes de transpor suas experiências espetacularizando-as, narrando-as como se estivessem diante de espectadores em um grande teatro. Isto mostra que não estão estagnados na sua cultura, mas que trazem consigo influências de outras, incluindo a midiática.

Com a produção do documentário foi possível pensar sobre a desmistificação da tecnologia, colocando a câmera nas mãos dos sujeitos, dando-lhes a autonomia para que estes pudessem se expressar, mostrando suas vidas, histórias, experiências vividas.

As mulheres entrevistadas mostraram ter muito amor e conhecimento em relação às plantas de seus quintais: ervas medicinais, aromáticas, com poderes de cura, não só pelos seus princípios ativos, mas pela fé dessas moradoras. Benzedeiras por excelência, que com orgulho contaram um pouco das muitas histórias cujo ingrediente principal é a fé em Deus e no poder das plantas, uma tradição passada através de gerações.

Meu pai benzia de *ofendido* de cobra, a cobra *ofendia* nas pessoas, ele benzia e sarava, quando a pessoa não ia escapar ele sabia [...] Eu aprendi a benzer de cobreiro, peito *azangado*, essas eu aprendi [...] Ele falou assim *pra* mim: Uma hora eu vou te ensinar (referindo-se ao ato de benzer) porque a gente é mortal, uma hora a gente morre, ai fica sem saber as pessoas, então eu quero passar *pra* frente, não deixar isso acabar [...] (Benzer) É uma maneira da gente ajudar as pessoas quando não tem o recurso, *né* [...] É uma maneira de ajudar no natural, nas coisas naturais, você não usa remédio, você não usa química nenhuma e você *tá* ajudando alguém. (Trecho da entrevista com a conhecedora de plantas apontada também como liderança comunitária – Dona O.).

Não sei qual é a religião de vocês, mas jamais *quarquer* um ramo que eu for *panhar* ali *pra* mim fazer um chá, eu falo assim: Nossa Senhora abençoa esse chá *pra* esse ser humano que vai tomar porque ele *tá* necessitando de uma ajuda e a única ajuda que eu posso dar a esse ser humano é esse chazinho. Então você desce sua benção aqui e pronto (Dona N.).

Os estudantes que participaram desde o início da pesquisa, também tiveram a oportunidade de aparecer no documentário. Um momento para comunicar a experiência vivida ao longo do projeto, ressaltando a

importância da produção audiovisual no aprendizado sobre as plantas. A fala de um dos alunos participantes ilustra o envolvimento dos estudantes com o projeto e a contribuição deste na ampliação de seus conhecimentos sobre a flora e, por conseguinte a relação com a cultura em que estão imersos. A reflexão seguinte finaliza o documentário.

Eu pude aprender mais sobre as plantas, sobre a conscientização para preservar, e durante todo projeto a gente tinha um objetivo, conhecer mais sobre as plantas e sobre a preservação [...] foi muito bom hoje no dia da gravação porque todo mundo participou, os entrevistados se preocuparam bastante com a preservação das plantas [...]. Todo mundo *gostou* de mexer na câmera, segurar o microfone, de ficar escutando se a conversa realmente *tá* ficando boa, então foi muito interessante porque todo mundo pôde expressar sua opinião, eu também pude expressar a minha. Gostei muito de conhecer mais sobre as plantas porque até então eu não conhecia e vai ser muito bom porque eu vou poder passar pra frente, porque alguém pode *tá* interessado, quem não pôde comparecer no projeto (Trecho de encerramento do documentário em entrevista com um dos alunos participantes – L.).

Foi possível aprender sobre os processos educativos desencadeados na produção audiovisual, baseados na observação das rodas de conversa durante a produção do documentário. Então, como sugere Ribeiro-Júnior (2009), os processos envolvidos foram o “fazer com” e o “aprender fazendo”. O primeiro corresponde a ampliação das capacidades e aproveitamento das habilidades, e contribuições individuais, reconhecendo no outro, sua responsabilidade e intenções, respeitando as diferenças, pois, baseia-se no coletivo. O segundo processo diz respeito ao “aprender fazendo”, ou seja, o aprendizado sobre a produção de uma obra audiovisual se deu ao mesmo tempo em que esta era produzida.

O documentário produzido possui 39 minutos de “Causos do Cerrado”, embalado ao som da viola tocada por um conhecedor diante de todos que, emocionados, viram o trabalho se concretizar. Juntos, pesquisadores e comunidade viveram um profícuo momento de aprendizado na experimentação da mídia, tomando-a como uma possibilidade de transformação da realidade e para o engrandecimento da cultura em torno do conhecimento popular sobre as plantas.



APLICAÇÃO E PERSPETIVAS FUTURAS

O desafio assumido pela pesquisa foi articular os saberes populares com a linguagem midiática, como a fotografia e os vídeos. O conhecimento popular sobre plantas estabeleceu-se como ponto de partida e serviu para a imersão nas comunidades estudadas, valorizando estes saberes, dotando-os de importância e possibilidades de recriação.

Buscou-se uma educação ambiental, que valoriza o conhecimento popular sobre as plantas do Cerrado, que escuta e registra as falas das pessoas mais velhas, que considera também a possibilidade de uma hibridação cultural, que respeita o tempo das pessoas e o tempo atual que leva a outras vontades.

A pesquisa constituiu-se de forma a articular as muitas vontades, atentando-se para aproximar-se ainda mais dos sujeitos, sendo desta forma contextualizada e respeitosa das opiniões. As abordagens partiram desta dialogicidade que reconheceu nas pessoas o potencial para transformar e direcionar a pesquisa, dotando-os de autonomia e liberdade para expressar seus pontos de vista.

A educação ambiental desenvolvida na pesquisa permitiu a vivência de muitas experimentações partindo da cultura, da realidade, entendendo, assim como Larrosa (2002), que “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”. A experiência vivida entre as pessoas que residem nos distritos com os

recursos midiáticos permitiu um momento que é quase impossível nos dias atuais, como elucidado brilhantemente por Jorge Larrosa (2002, p.24):

“um momento de parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e ouvidos, falar sobre o que nos acontece, escutar aos outros, enfim cultivar a arte do encontro”.

O estudo fez interagir o local e o global, o primeiro representado pela tradição do conhecimento popular sobre as plantas e o segundo fazendo uso dos recursos tecnológicos empregados na produção midiática. A articulação entre esses diversos saberes reluz sobre a necessidade do respeito à diversidade cultural que fez conviver as diferenças existentes entre essas culturas, sugerindo, nesse diálogo, a necessária superação da visão monocultural que está tão impregnada na sociedade nos dias atuais, como indica Marín (2010).

Considerar o surgimento de uma cultura e sociedade tecnológica exige uma adaptação nos modos de ver, de ler, de pensar, de interagir e de aprender, reivindicando sempre a “presença da cultura oral, da cultura letrada e da cultura audiovisual incentivando o diálogo profícuo entre os variados modos de construção do saber” (Souza e Gamba Jr., 2002).

Transcender os espaços em que a educação ambiental tem sido desenvolvida e trazer à cena outros sujeitos como os mais velhos, é uma reflexão pertinente à pesquisa, cujo marco principal foi imbricar crianças, jovens e idosos em prol de um objetivo. Pretendeu-se estabelecer uma proposta autônoma dos saberes escolares e desprendida deste espaço para a geração de seus conhecimentos.

O documentário produzido foi noticiado pelos meios de comunicação locais: no jornal da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), tiragem de agosto de 2010, e no jornal Correio de Uberlândia. Realizou-se também uma entrevista pela TV Universitária da UFU com os pesquisadores responsáveis pela pesquisa e a mesma emissora exibiu na íntegra a obra.

Com esta pesquisa os alunos se motivaram a darem continuidade à criação de vídeos referindo-se a outras temáticas, um exemplo citado pelos estudantes foi a violência escolar. Assim, percebe-se que a mídia pode funcionar como uma maneira de expressão de ideias, um meio pelo qual se pode trazer à tona problemas presentes no cotidiano escolar, na tentativa de resolver tais conflitos.

Foi possível vivenciar uma educação ambiental pautada na vinculação de outras formas de transmitir o conhecimento popular sobre plantas, trazendo para a superfície as histórias individuais e coletivas do lugar, da origem, do *modos vivendi* antigo e atual, do ouvir, do falar, do respeito. Singularidades foram criadas e recriadas na busca de viver outras possibilidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Almeida MJ (1994). *Imagens e Sons: A nova cultura oral*. Cortez, São Paulo, 110 pp.

Canclini NG (2003). *Culturas Híbridas*. EDUSP, São Paulo, 416 pp.

Corsi E (2006). *Patrimônio Cultural Arquitetônico e Plano Diretor em Uberlândia: Uma proposta de revitalização para os distritos de Miraporanga, Cruzeiro dos Peixotos e Martinésia*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 144 pp.

- Embrapa Cerrados (2011). O ambiente. Disponível em: <<http://www.cpac.embrapa.br/unidade/ambiente/>>. Acesso em 22 de agosto de 2011.
- Favero F (2009). Fotografias Urbanas: Encontros com o Ambiente. Trabalho de Conclusão de Curso. Centro de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 67 pp.
- Gonçalves CWP (2001). Os (des)caminhos do meio ambiente. Contexto, São Paulo, 148 pp.
- Guimarães LB (2007). Fulgurações: pelos rastros da educação ambiental. In: AM Preve, G Côrrea. (Orgs.), Ambientes da Ecologia – perspectivas políticas e educação. UFSM, Santa Maria, 258 pp.
- Larrosa J (2002). Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação* 19: 20-28.
- Marín J (2010). Dimensão histórica da perspectiva intercultural, educação, Estado e sociedade. In: RL Garcia (org.), Diálogos cotidianos. FAPERJ, Rio de Janeiro, pp. 313-330.
- Martín-Barbero J (2010). Jóvenes: comunicación e identidad. Disponível em: <<http://www.Oei.es/pensariberoamerica/ric00a03.htm>>. Acesso em 03 de outubro de 2010.
- Oliveira TG (2008). O conhecimento dos usos de plantas do bioma Cerrado nos distritos de Tapuirama e Miraporanga, Uberlândia, MG. Monografia (Bacharelado) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 32 pp.
- Patzlaff RG, Peixoto AL (2009). A pesquisa em etnobotânica e o retorno do conhecimento sistematizado à comunidade: um assunto complexo. *Hist. cienc. saude-Manguinhos [online]*. 16: 237-246.
- Reigota M (2007). Meio Ambiente e representação social. Cortez, São Paulo, 87 pp.
- Ribeiro Júnior D (2009). Criação audiovisual na convivência dialógica em um grupo de Dança de Rua como processo de educação humanizadora. Dissertação de Mestrado em Educação. Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 142 pp.
- Sardelich ME (2006). Leitura de imagens, cultura visual e prática educativa. *Cadernos de Pesquisa* 128: 451-472.
- Souza S, Gamba Jr N (2002). Novos suportes, antigos temores: tecnologia e confronto de gerações nas práticas de leitura e escrita. *Revista Brasileira de Educação* 21.
- Trindade J (2004). Identidade, Educação e dinâmica social a metamorfose da comunidade piscatória da Nazaré. *Actas dos ateliers do Vº Congresso Português de Sociologia Sociedades Contemporâneas: Reflexividade e Acção Atelier: Identidades e Estilos de Vida*.